

**O DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO EMOCIONAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
DESAFIOS E ESTRATÉGIAS NO CONTEXTO PÓS-PANDEMIA
THE DEVELOPMENT OF EMOTIONAL EDUCATION IN EARLY CHILDHOOD
EDUCATION: CHALLENGES AND STRATEGIES IN THE POST-PANDEMIC
CONTEXT**

Fabíola de Vasconcelos da Silva e Rafaella Cristine Brasil de Aguiar

Graduandas do Curso de Pedagogia do Centro Universitário São José.

Márcia Maria Ferreira dos Santos

Mestre em Educação pela UERJ

RESUMO

O presente artigo analisa o impacto da pandemia da Covid-19 no desenvolvimento emocional de crianças da Educação Infantil, bem como os desafios enfrentados pelos professores e as estratégias pedagógicas adotadas no contexto pós-pandêmico. Com base em uma abordagem qualitativa, foi realizado um estudo de caso com entrevistas semiestruturadas aplicadas a docentes da Educação Infantil de uma escola da rede particular. A fundamentação teórica inclui autores como Jensen, Bisquerra, Greenspan e a UNICEF, e sustenta a importância da educação emocional para o desenvolvimento integral da criança. Os resultados indicam a presença de comportamentos emocionais como ansiedade, retraimento e agressividade no retorno presencial às aulas. Os professores relataram dificuldades como ausência de apoio institucional e a necessidade de acolhimento emocional mais intenso. Entre as estratégias destacaram-se rodas de conversa, escuta ativa, atividades lúdicas e parcerias com famílias. Conclui-se que a formação continuada, o suporte psicológico e a valorização das competências socioemocionais são fundamentais para a promoção de uma educação inclusiva e acolhedora.

Palavras-chave: Educação emocional, pandemia, Educação Infantil, práticas pedagógicas, saúde emocional.

ABSTRACT

This article analyzes the impact of the Covid-19 pandemic on the emotional development of children in Early Childhood Education, as well as the challenges faced by teachers and the pedagogical strategies adopted in the post-pandemic context. Based on a qualitative approach, a case study was conducted using semi-structured interviews with teachers from a private school. The theoretical framework includes authors such as Jensen, Bisquerra, Greenspan, and UNICEF, emphasizing the importance of emotional education for children's integral development. The results indicate emotional behaviors such as anxiety, withdrawal, and aggression upon returning to in-person classes. Teachers reported challenges such as lack of institutional support and the need for more intensive emotional care. Highlighted strategies included conversation circles, active listening, play-based activities, and family partnerships. It is concluded that continuing education, psychological support, and the appreciation of socio-emotional competencies are essential for promoting inclusive and supportive education.

Keywords: Emotional education, pandemic, early childhood education, pedagogical practices, emotional well-being.

INTRODUÇÃO

A educação emocional desempenha um papel crucial no processo educacional, especialmente na Educação Infantil, que constitui a base para o desenvolvimento acadêmico dos alunos. De acordo com Eric Jensen (2005), não há separação entre mente e emoções; emoções, pensamentos e aprendizagem estão interligados. Dessa forma, ao considerar a individualidade de cada aluno, o professor pode identificar diversos contextos emocionais que impactam diretamente o processo de ensino e aprendizagem, não apenas para um aluno específico, mas para toda a turma.

A pandemia de Covid-19 trouxe um cenário inédito, forçando as instituições de ensino a se adaptarem rapidamente a novas formas de ensino. Em meio a perdas, medo, incertezas e a quebra da rotina, tornou-se ainda mais crucial atentar-se às emoções dos alunos e gerenciá-las, a fim de não comprometer o desenvolvimento cognitivo, já afetado pelos desafios do ensino remoto. No período pós-pandemia, com o retorno das aulas presenciais, os professores da Educação Infantil enfrentaram novos desafios. Além da delicada fase de adaptação natural dessa faixa etária, foi necessário lidar com alunos que passaram muito tempo expostos às telas, sem contato com a natureza, vivendo o dia a dia inseridos em um contexto familiar desestruturado e tendo contato com os mais diversos tipos de tragédia a um clique de distância. O escasso convívio com outras crianças também interferiu diretamente no desenvolvimento da primeira infância.

Diante desse contexto, este estudo busca analisar o impacto da pandemia de Covid-19 na educação emocional dos alunos da Educação Infantil, explorando como essa situação afetou o processo de ensino e aprendizagem e quais estratégias os professores adotaram para enfrentar esses desafios. O objetivo geral é identificar os desafios enfrentados pelos professores no contexto pós-pandemia e as estratégias implementadas para lidar com o impacto da Covid-19 no desenvolvimento emocional das crianças. Os objetivos específicos incluem diagnosticar os efeitos da pandemia sobre o desenvolvimento emocional infantil; identificar os principais desafios enfrentados pelos

professores e analisar as estratégias pedagógicas e emocionais aplicadas para promover um desenvolvimento infantil saudável no contexto pós-pandemia.

A relevância deste estudo se justifica ao considerar os impactos da pandemia sobre as crianças em idade pré-escolar, que tiveram suas rotinas quebradas e, muitas vezes, suas famílias desestruturadas. Crianças vítimas de diversos traumas emocionais foram reinseridas em sala de aula com outras crianças desconhecidas, enfrentando metas a serem alcançadas e muitas vezes tendo suas emoções negligenciadas. Compreender esse cenário e desenvolver estratégias eficazes para mitigar seus impactos foi essencial para otimizar o processo de ensino e aprendizagem, promovendo um desenvolvimento emocional equilibrado e influenciando positivamente outras áreas do aprendizado infantil.

A pesquisa se enquadra na abordagem qualitativa, que visa compreender, em profundidade, os desafios e as estratégias enfrentados pelos professores no desenvolvimento da educação emocional em um contexto pós-pandemia. O estudo de caso foi escolhido como metodologia, pois permite uma investigação detalhada do fenômeno dentro de seu contexto real (YIN, 2015). A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com professores da Educação Infantil, permitindo uma abordagem flexível e aprofundada sobre suas percepções e experiências (GIL, 2008).

A análise dos dados foi conduzida por meio da análise de conteúdo, permitindo a categorização das respostas e observações com o objetivo de identificar padrões e temas recorrentes (BARDIN, 2011). Com isso, pretendeu-se responder à seguinte problemática: até que ponto a pandemia de Covid-19 influenciou negativamente o desenvolvimento emocional dos alunos da Educação Infantil, afetando diretamente o processo de ensino e aprendizagem? Quais foram os principais desafios enfrentados pelos professores no retorno às aulas presenciais e como as estratégias adotadas impactaram o desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças?

Parte-se da hipótese de que a pandemia causou um impacto significativo no desenvolvimento emocional das crianças, afetando sua capacidade de aprendizado. No retorno às aulas presenciais, os professores enfrentaram desafios relacionados ao comportamento emocional dos alunos, intensificados pelo uso prolongado de telas e pelo

isolamento social. Para mitigar esses efeitos, foi necessário desenvolver e aplicar estratégias pedagógicas e emocionais específicas, visando restabelecer o equilíbrio emocional e promover um ambiente de aprendizagem saudável e inclusivo. Dessa forma, este estudo pretende contribuir para a compreensão e aprimoramento da educação emocional na Educação Infantil, considerando os desafios do pós-pandemia e fornecendo subsídios para práticas pedagógicas mais eficazes.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para a elaboração desta fundamentação teórica, abordaremos o desenvolvimento emocional na primeira infância e a educação emocional na educação infantil, destacando a importância das competências socioemocionais para o bem-estar e o desenvolvimento cognitivo das crianças. Inicialmente, explora-se habilidades como a empatia e a autorregulação são fundamentais para o comportamento social e o aprendizado. O impacto negativo da pandemia da COVID-19, especialmente devido ao distanciamento social e ao ensino remoto, também é discutido, evidenciando os desafios enfrentados pelas crianças que perderam oportunidades de interação presencial, essenciais para o desenvolvimento emocional.

O texto avança para a importância da educação emocional na formação das crianças, enfatizando que o entendimento e a gestão das próprias emoções influenciam diretamente o aprendizado e a socialização. Autores como Bisquerra (2000) e Jensen (2005) são citados para ressaltar que um ambiente escolar que acolhe as emoções das crianças contribui para seu desenvolvimento integral. A pandemia reforçou a necessidade de programas de educação emocional nas escolas para ajudar as crianças a processar e lidar com as emoções acumuladas durante o isolamento. A integração de práticas emocionais no cotidiano escolar é vista como crucial para preparar as crianças para os desafios futuros, promovendo resiliência e equilíbrio emocional.

O desenvolvimento emocional da primeira infância é um processo fundamental e diretamente relacionado ao crescimento cognitivo, pois é fundamental para o bem-estar geral da criança. Segundo Brazelton e Greenspan (2001), este período é crucial para a aquisição de competências socioemocionais como empatia, autorregulação e interação

social. Essas habilidades constituem a base do comportamento social saudável e são cruciais para o sucesso nas relações interpessoais e no subsequente desenvolvimento cognitivo.

De acordo com Thompson (1994), o conceito de desenvolvimento emocional pode ser entendido como o processo pelo qual as crianças aprendem a identificar, expressar e regular as suas emoções, além de desenvolverem a capacidade de se relacionar com os outros. Esta fase é caracterizada por progressos na compreensão das suas emoções e dos outros, o que permite à criança atualizar o seu comportamento social a partir das reações emocionais que percebe em si e nos outros. Como indicam estudos em psicologia do desenvolvimento, esta habilidade é essencial para o funcionamento social e acadêmico de uma criança, influenciando sua capacidade de resolver conflitos, trabalhar em equipe e desenvolver resiliência emocional.

Contudo, a pandemia da COVID-19 apresentou desafios significativos a esse processo, especialmente devido às condições impostas pelo isolamento social e pela migração para a educação a distância. A educação na primeira infância, que depende fortemente da interação presencial e das brincadeiras para promover o desenvolvimento emocional, enfrenta sérios desafios decorrentes do uso prolongado de telas e da falta de contato presencial entre crianças, colegas e professores. O ensino à distância, embora necessário, limita a participação em atividades que promovem competências sociais e emocionais, tais como jogos em grupo, jogos cooperativos e trocas emocionais espontâneas. Segundo a UNICEF (2021), o distanciamento social durante a pandemia limitou as oportunidades de interação social, privando as crianças de momentos fundamentais para desenvolverem as suas competências emocionais. A falta dessas interações levou à redução de experiências que promovem a aprendizagem da empatia, da expressão emocional e da capacidade de adaptação a diferentes situações sociais. Isto tem levado ao aumento da ansiedade e das dificuldades de socialização, aspectos essenciais para a saúde emocional das crianças.

A partir do entendimento dos estudos da UNICEF (2021), é possível observar que a pandemia evidenciou que o desenvolvimento emocional depende de interações presenciais e sociais. O distanciamento da rotina escolar e das interações diárias, aliado à incerteza causada pelo cenário de crise global, afetou negativamente às crianças,

dificultando seu aprendizado emocional e social. Como resultado, muitos deles perderam oportunidades valiosas de aprender a gerir as suas emoções e as dos outros, reforçando a importância dos ambientes educativos presenciais e enriquecendo-os emocionalmente para um desenvolvimento completo.

A educação emocional é mais do que simplesmente ensinar conceitos às crianças; trata-se de ajudá-las a entender e lidar com suas próprias emoções de forma saudável. Desde cedo, as crianças precisam aprender a reconhecer o que estão sentindo, compreender essas emoções e, aos poucos, encontrar maneiras de gerenciá-las. Essa prática, cada vez mais valorizada na educação infantil, contribui diretamente para o bem-estar das crianças, mas vai além disso. Ela também sustenta um crescimento integral, que envolve, não só o lado emocional, mas também o social e o cognitivo. Como destaca Bisquerra (2000), a educação emocional é um processo que deve acontecer de forma contínua, acompanhando as crianças ao longo de seu desenvolvimento, para que aprendam a lidar com os desafios da vida, tanto os que surgem em suas interações com os outros quanto os que elas enfrentam internamente.

As emoções e o aprendizado estão profundamente conectados. Jensen (2005) enfatiza que o estado emocional das crianças influencia diretamente sua capacidade de aprender. Quando uma criança se sente frustrada, ansiosa ou eufórica, isso pode afetar sua concentração e motivação. Por isso, é fundamental que o ambiente escolar seja um espaço onde as emoções sejam acolhidas e as crianças possam aprender a lidar com elas de maneira construtiva. Um lugar onde a frustração é entendida, a ansiedade é acalmada e a euforia é direcionada positivamente oferece as condições ideais para que as crianças se concentrem e se engajem de forma mais produtiva em suas atividades diárias.

A pandemia de COVID-19 trouxe à tona a importância de cuidar dessas questões emocionais desde cedo. O ensino remoto e o isolamento social interromperam a convivência que é essencial para o desenvolvimento de habilidades como a empatia, a resolução de conflitos e o controle emocional. Com a falta dessas interações diárias, muitas crianças enfrentaram dificuldades para continuar desenvolvendo essas competências emocionais tão fundamentais. Essa situação destacou o papel crucial que

a educação emocional desempenha no crescimento das crianças, não apenas no aspecto escolar, mas em sua formação como seres humanos.

Com a volta às aulas presenciais, integrar programas de educação emocional tornou-se uma resposta urgente aos impactos do isolamento. Ao trazer essas práticas para o cotidiano escolar, os educadores ajudam as crianças a processarem e lidar com as emoções acumuladas durante o distanciamento. Perry e Steiner (1998) afirmam que ensinar as crianças, ao lidar com suas emoções, cria um ambiente onde elas podem, não só se desenvolver emocionalmente, mas também se preparar para alcançar o sucesso acadêmico e social.

Portanto, promover a educação emocional na educação infantil é essencial para superar os desafios que a pandemia deixou. Ao fortalecer desde cedo as competências emocionais das crianças, oferecemos a elas uma base sólida para enfrentar futuros desafios com resiliência e equilíbrio, permitindo que cresçam emocionalmente saudáveis e capazes de se conectar de forma significativa com o mundo ao seu redor.

IMPACTOS EMOCIONAIS PÓS-PANDEMIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A análise dos dados obtidos por meio da pesquisa com profissionais da Educação Infantil oferece um panorama importante sobre os impactos emocionais da pandemia nas crianças e o papel fundamental dos educadores no enfrentamento desses desafios. Os gráficos apresentados refletem aspectos como o perfil dos respondentes, os comportamentos observados no retorno às aulas presenciais, as estratégias utilizadas para o acolhimento emocional e as necessidades percebidas pelos docentes para continuar desenvolvendo esse trabalho.

Foram aplicadas as seguintes questões com um total de 10 respondentes, sendo todos professores formados e atuantes na Educação Infantil em instituições públicas e privadas.

O primeiro gráfico, referente à faixa etária dos participantes, indica uma predominância de profissionais com idade entre 30 e 50 anos, evidenciando uma amostra composta majoritariamente por educadores experientes, possivelmente com uma

trajetória consolidada na área da Educação Infantil. Esse dado se relaciona com o segundo gráfico, que aponta o tempo de atuação na Educação Infantil, no qual a maioria declarou atuar há mais de 10 anos. Isso demonstra que os participantes da pesquisa possuem vivência suficiente para avaliar e comparar o comportamento das crianças antes e depois do período pandêmico.

Gráfico 1

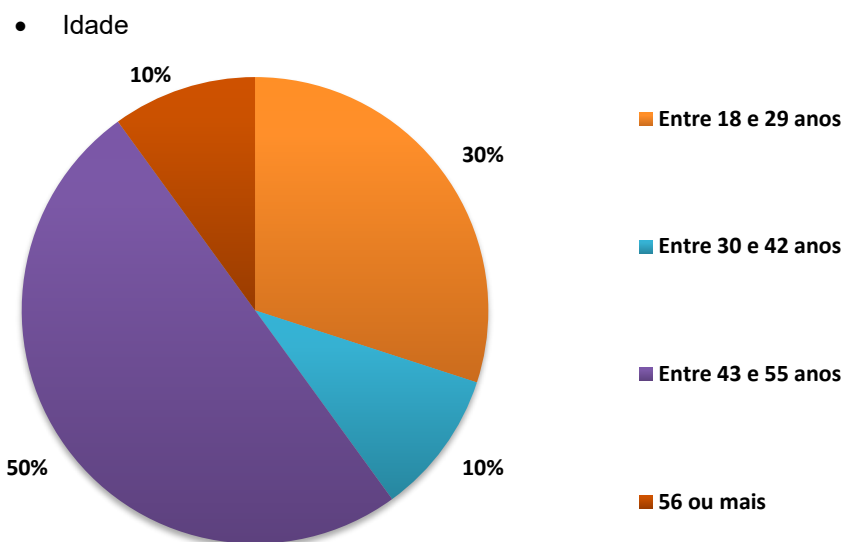
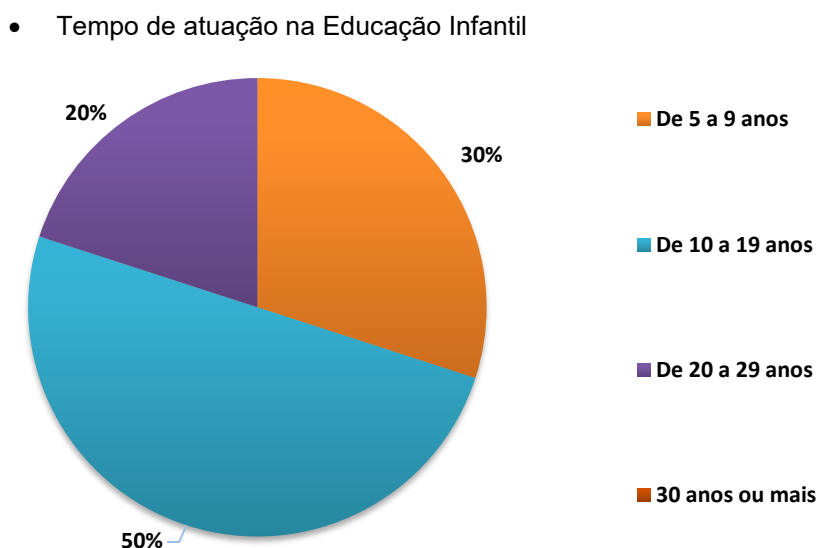


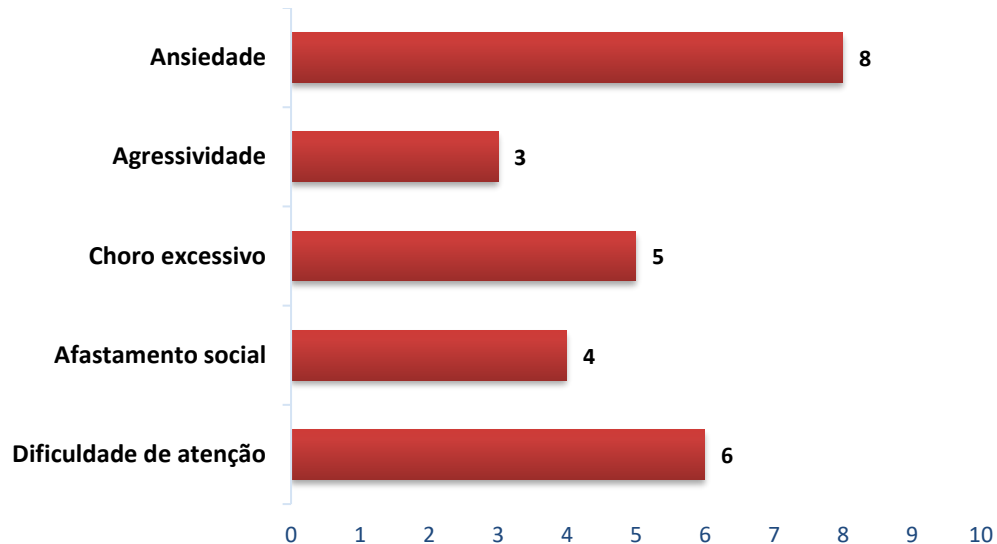
Gráfico 2



Em relação aos comportamentos mais frequentes observados no contexto pós-pandemia, os dados do terceiro Gráfico revelam um aumento significativo de comportamentos ansiosos, dificuldade de concentração, agitação e resistência às regras. Esses aspectos corroboram com os relatos descritos anteriormente, apontando que a ruptura na rotina escolar e a ausência de socialização durante o isolamento social impactaram diretamente no desenvolvimento emocional e social das crianças.

Gráfico 3

- Quais foram os comportamentos mais frequentes observados no contexto pós-pandemia?



Questionados sobre o aumento da demanda por acolhimento emocional, a maioria dos professores respondeu afirmativamente, reforçando a percepção de que o retorno às atividades presenciais exigiu um olhar mais atento e cuidadoso em relação às emoções das crianças (Gráfico 4). Entretanto, ao serem indagados sobre se se sentiam preparados para lidar com essas demandas, as respostas foram divididas. Parte dos educadores declarou sentir-se despreparada, o que destaca a necessidade de formação continuada voltada à educação emocional e ao apoio psicológico dentro do ambiente escolar (Gráfico 5).

Gráfico 4

- Houve aumento na demanda por acolhimento emocional das crianças?

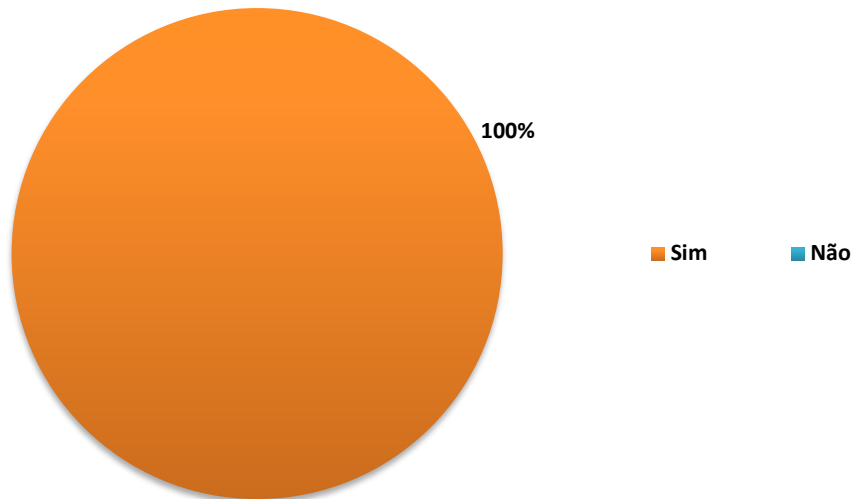
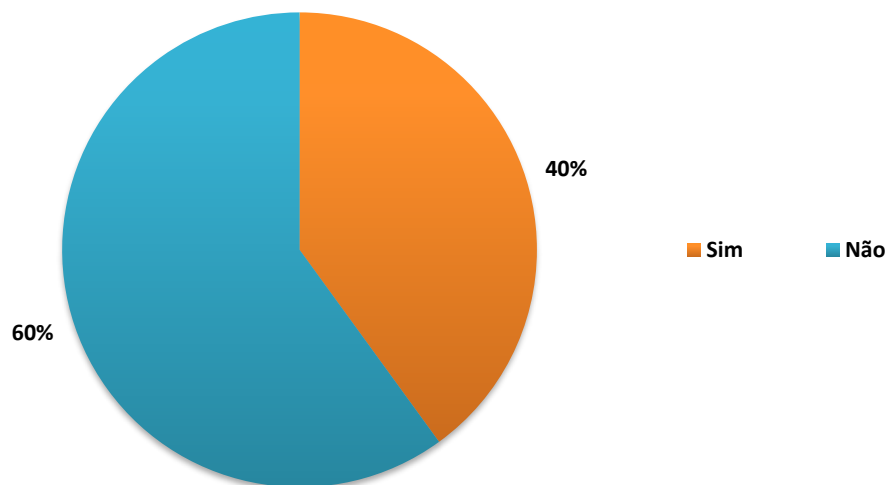


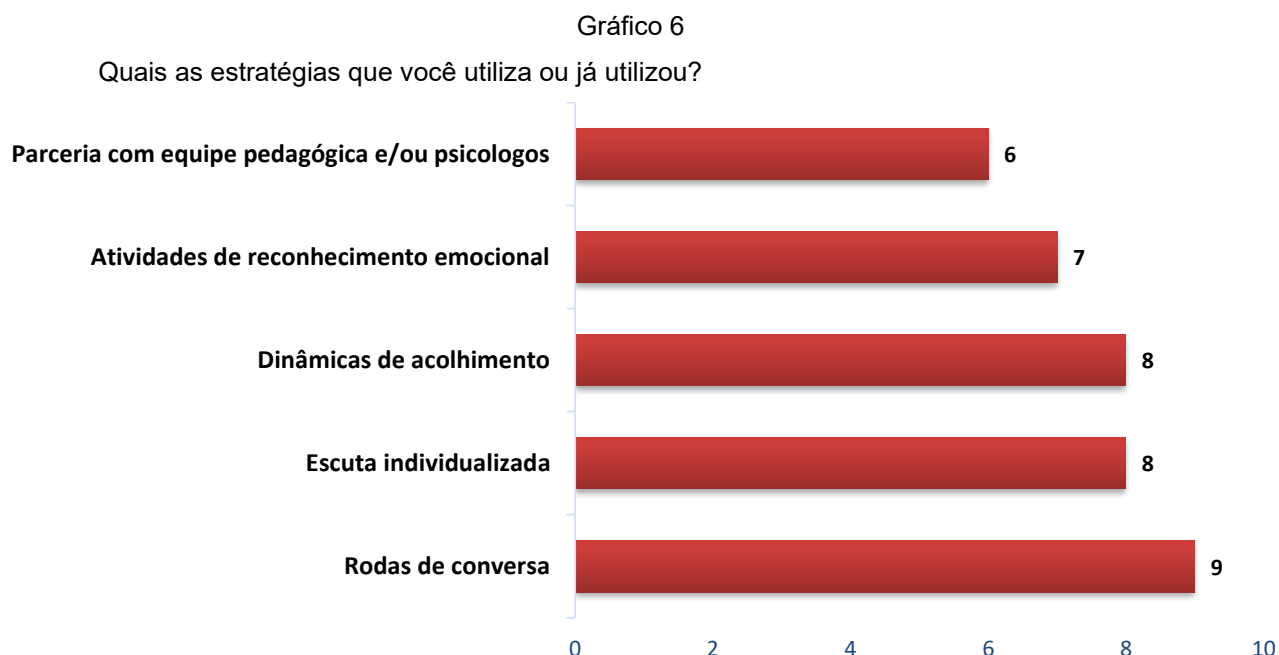
Gráfico 5

- Sentiu-se preparado(a) para lidar com essas demandas?



Quanto às estratégias pedagógicas utilizadas, o Gráfico 6 indica que os professores têm recorrido principalmente a rodas de conversa, atividades lúdicas, contação de histórias, brincadeiras ao ar livre e momentos de escuta ativa. Essas práticas

refletem um esforço para promover ambientes acolhedores e seguros emocionalmente, nos quais as crianças possam se expressar e aprender a lidar com seus sentimentos.



O retorno às aulas presenciais após o período de isolamento imposto pela pandemia de COVID-19 apresentou uma série de desafios emocionais e pedagógicos tanto para os educadores quanto para as crianças da Educação Infantil. Entre os principais obstáculos enfrentados, destacou-se a dificuldade dos alunos em retomar a rotina escolar, interagir com os colegas, respeitar regras e compreender os limites do ambiente escolar, que havia sido substituído por suas casas durante o ensino remoto. Muitos demonstraram desinteresse pelas atividades presenciais, dificuldade de concentração, comportamento agitado e uma expectativa por respostas rápidas, características associadas à intensa exposição às telas durante o isolamento. Além disso, houve um aumento expressivo de comportamentos ansiosos, insegurança diante do novo contexto e resistência em se desapegar da presença constante dos pais, o que, por vezes, gerava conflitos e desrespeito às orientações escolares.

Para lidar com essas questões, os professores adotaram diversas estratégias pedagógicas voltadas para o acolhimento e o desenvolvimento emocional dos alunos. Atividades lúdicas, brincadeiras ao ar livre, rodas de conversa, contação de histórias

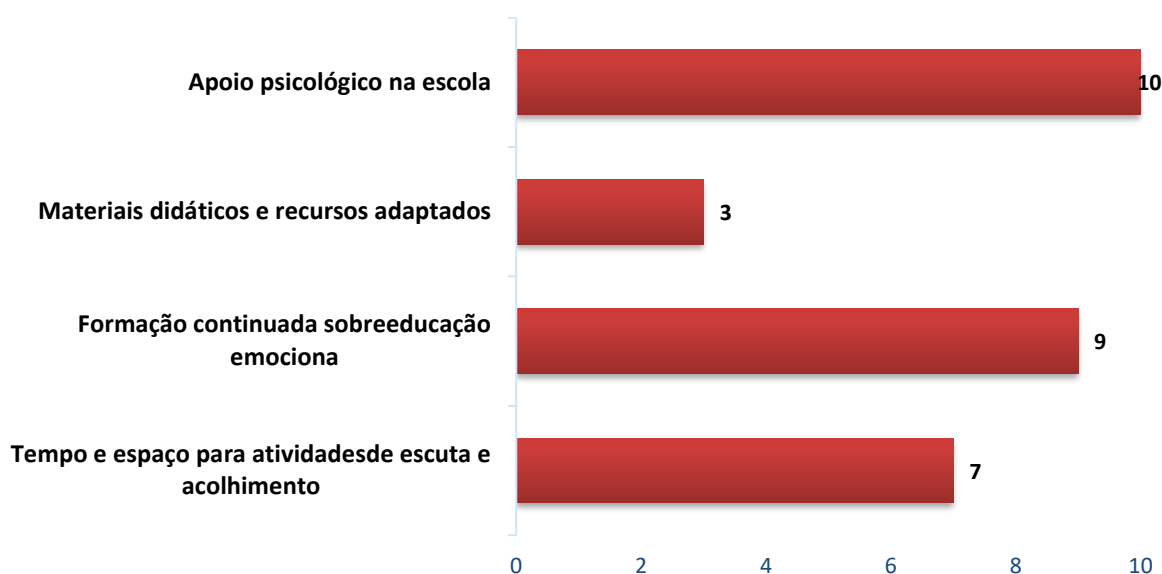
voltadas às emoções e projetos focados na educação socioemocional foram amplamente utilizados. Uma das entrevistadas destacou que procurou “trazer as crianças mais para mim, aumentando o início da entrada e momento de interação com os amigos para conseguir me aproximar das crianças e deixarem à vontade para se expressarem (sic)”.

Houve um esforço conjunto para ampliar os momentos de interação entre as crianças e criar um ambiente seguro, em que elas se sentissem à vontade para se expressar. A escuta sensível e o atendimento individualizado também foram essenciais nesse processo, além do cuidado com o próprio bem-estar emocional dos educadores, alguns dos quais recorreram à terapia para enfrentar os desafios do período.

Por fim, ao serem questionados sobre o tipo de apoio necessário para continuar promovendo a educação emocional em sala de aula, os profissionais apontaram a importância de formações específicas sobre o tema, apoio psicológico para os docentes, maior presença de profissionais da psicologia nas escolas e materiais didáticos adequados ao trabalho com emoções, conforme pode ser constatado no Gráfico 7. Esses dados revelam a consciência dos educadores de que o desenvolvimento emocional é tão essencial quanto o cognitivo, e que para realizar esse trabalho de forma efetiva, é preciso investimento em suporte institucional e formação especializada. Apesar do crescente reconhecimento da importância da educação emocional, muitos professores ainda não recebem a formação adequada para desenvolver esse tipo de trabalho. A ausência de preparo específico compromete a qualidade do acolhimento emocional oferecido às crianças. Incluir conteúdos sobre emoções e saúde mental na formação inicial e na formação continuada dos docentes é essencial para que possam atuar com segurança, sensibilidade e competência diante das demandas emocionais trazidas pelos alunos no contexto pós-pandêmico. Conforme destaca Moran (2007), é fundamental que a formação docente contemple não apenas conteúdos técnicos, mas também aspectos relacionais e emocionais do processo educativo.

Gráfico 7

- Que tipo de apoio você considera necessário para continuar promovendo a educação emocional em sala de aula?



O maior impacto da pandemia sobre o desenvolvimento emocional das crianças da Educação Infantil foi a intensificação da insegurança, da ansiedade e da dificuldade em estabelecer vínculos sociais. O afastamento das interações presenciais comprometeu o desenvolvimento de habilidades intra e interpessoais, resultando em comportamentos desafiadores, regressão de conquistas comportamentais e aumento da superproteção parental. Em muitos casos, observou-se um quadro generalizado de isolamento social, dificuldade de adaptação à rotina escolar e até mesmo indícios de depressão em crianças pequenas, o que exigiu dos educadores sensibilidade, paciência e estratégias específicas para promover a retomada do desenvolvimento emocional saudável.

Além das estratégias já utilizadas pelos professores para acolher os alunos no retorno às aulas presenciais, também foi observada a presença de comportamentos regressivos. Muitas crianças que já haviam desenvolvido certa autonomia voltaram a apresentar comportamentos típicos de faixas etárias anteriores, como o uso de fraldas, dificuldade para se alimentar sozinhas ou a necessidade constante da presença de um adulto. Esses sinais podem ser interpretados como um reflexo da instabilidade emocional causada pelo ambiente doméstico tenso ou negligente durante o isolamento. Segundo Winnicott (1975), o ambiente é determinante para a constituição emocional da criança, e

situações de estresse familiar podem desencadear um retrocesso em conquistas importantes do desenvolvimento infantil.

Outro fator relevante foi o impacto do uso excessivo de telas. Embora tenham sido necessárias durante o ensino remoto, as tecnologias digitais alteraram o padrão de atenção e resposta das crianças. Muitos alunos retornaram às escolas com menor capacidade de concentração, maior necessidade de estímulos imediatos e dificuldade de lidar com a frustração. Isso exigiu dos professores não apenas criatividade nas práticas pedagógicas, mas também paciência e sensibilidade para acolher esse novo perfil comportamental.

Nesse contexto, a presença de um currículo que valorize o desenvolvimento socioemocional torna-se urgente. Atividades que envolvam a expressão de sentimentos, a escuta ativa e a mediação de conflitos precisam estar integradas ao cotidiano escolar. Esse tipo de abordagem contribui para o fortalecimento de habilidades como empatia, tolerância e autorregulação emocional, competências fundamentais para a convivência e o aprendizado na infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo compreender os impactos emocionais da pandemia da Covid-19 na Educação Infantil, especialmente a partir da percepção de professoras que atuaram diretamente com crianças no período de retorno presencial às atividades escolares. Por meio da análise qualitativa das respostas de docentes experientes, foi possível identificar tendências significativas e recorrentes no comportamento emocional das crianças, nos desafios enfrentados pelos profissionais e nas estratégias adotadas para o acolhimento emocional.

Os resultados evidenciaram que o retorno às aulas presenciais foi acompanhado por uma série de comportamentos emocionais alterados, tais como ansiedade, agressividade, afastamento social, choro excessivo e dificuldade de atenção. Essas manifestações corroboram os apontamentos da literatura (JENSEN, 2005; STEINER;

PERRY, 1998; UNICEF, 2021), que alertam para os prejuízos causados pelo rompimento dos vínculos sociais e das rotinas escolares na primeira infância.

Do ponto de vista dos professores, o desafio de lidar com crianças emocionalmente fragilizadas exigiu, além da prática pedagógica tradicional, uma atuação mais sensível, empática e acolhedora. Estratégias como rodas de conversa, dinâmicas de acolhimento, atividades lúdicas e escuta individualizada mostraram-se fundamentais para reconstruir os laços afetivos e promover o desenvolvimento emocional das crianças.

Contudo, ficou evidente, também, que nem todos os profissionais se sentiram devidamente preparados ou apoiados institucionalmente para enfrentar essa nova realidade. A ausência de formação específica e de apoio psicológico contínuo foi apontada por alguns participantes como um fator limitante no processo de acolhimento emocional das crianças.

Nesse contexto, destaca-se a importância de políticas públicas que promovam: formação continuada em educação emocional; apoio psicológico institucional nas escolas; espaços adequados para escuta ativa e acolhimento; disponibilização de materiais didáticos adaptados ao trabalho com as emoções.

A escuta ativa é uma das ferramentas mais eficazes no fortalecimento dos vínculos entre professor e aluno. Quando a criança percebe que sua emoção é acolhida e validada, ela tende a se sentir mais segura e disposta a participar das atividades escolares. Esse vínculo afetivo é a base de qualquer aprendizagem significativa. Portanto, escutar não deve ser uma ação esporádica, mas uma prática contínua e planejada, integrada à rotina pedagógica. Jensen (2005) reforça que o estado emocional influencia diretamente na capacidade de concentração e motivação da criança, sendo a afetividade um componente essencial no processo de aprendizagem. Com isso, a escuta qualificada das professoras participantes revelou um cenário de dedicação, criatividade e cuidado com o bem-estar das crianças, mas também expôs a carência de suporte institucional necessário para que esse trabalho se sustente no longo prazo.

Dessa forma, conclui-se que os impactos emocionais da pandemia ainda reverberam no cotidiano da Educação Infantil, exigindo uma atuação conjunta entre professores, famílias, equipe pedagógica e gestores públicos. Somente com investimento em práticas de educação emocional será possível garantir que as crianças não apenas

recuperem o que foi perdido, mas também se desenvolvam de maneira integral e saudável.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BISQUERRA, Rafael. **Educação emocional e bem-estar**. São Paulo: Artmed, 2000.

BRAZELTON, T. Berry; GREENSPAN, Stanley I. **Os desafios da infância**. São Paulo: Artmed, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JENSEN, Eric. **Cérebro e aprendizagem: ensino com o cérebro em mente**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MORAN, José Manuel. **A formação de professores inovadores: práticas, metodologias e tecnologias**. Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância, n. 2, 2007.

PERRY, Bruce D.; STEINER, Clare. **Crianças em risco: intervenções eficazes para crianças traumatizadas**. São Paulo: Artmed, 1998.

THOMPSON, Ross A. **Emotional regulation and emotional development**. *Educational Psychology Review*, v. 6, n. 4, p. 341-361, 1994.

UNICEF. **Impactos primários e secundários da pandemia nas crianças**. Relatório Técnico, Brasília, 2021.

WINNICOTT, Donald W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.